

Primeira pessoa do plural com referência genérica e a polidez lingüística

Josilene de Jesus Mendonça¹

Raquel Meister Ko. Freitag²

Universidade Federal de Sergipe

Resumo: A indeterminação do sujeito se configura como uma estratégia de polidez ao impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do locutor ou interlocutor durante a interação; o falante, por meio da indeterminação do referente de primeira pessoa do plural, demonstra sua proximidade/distância do conteúdo proposicional (BROWN; LEVINSON, 1987). Analisamos a variação na primeira pessoa do plural como estratégia de indeterminação do sujeito a fim de verificar se os contextos pragmáticos (distância social, poder relativo e custo da imposição) condicionam a escolha das variantes **nós** e **a gente**, no português. Utilizamos a amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, vinculada ao banco de dados Falares Sergipanos (FREITAG, 2013). Após a coleta, os dados foram correlacionados às variáveis independentes pragmáticas e submetidos ao tratamento estatístico do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). A forma **a gente** foi mais frequente no *corpus* analisado, utilizada em 71% dos contextos de indeterminação do sujeito. Os resultados específicos em relação às variáveis pragmáticas apontam para o maior uso da variante **a gente** em interações com grau distante de familiaridade entre os interlocutores, em situações em que o falante se encontra sem o domínio do tópico interacional e em contextos com maior grau de imposição do ato comunicativo, sugerindo que a forma **a gente** é mais utilizada em contextos mais polidos, denotando, assim, gradiente de polidez no paradigma pronominal.

Palavras-chave: Variação linguística; polidez; primeira pessoa do plural; indeterminação do sujeito.

Introdução

A indeterminação do sujeito, atrelada à especificidade, é uma estratégia do âmbito semântico-pragmático, visto que o falante indetermina o referente por não o conhecer ou não querer determiná-lo, visando impedir ou atenuar eventuais conflitos durante a interação verbal. Por isso, a indeterminação também funciona como uma estratégia de polidez lingüística.

1 Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe na área de concentração Estudos Linguísticos. Membro do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – Gelins. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Diversidade Linguística, pela Faculdade São Luís de França. Licenciada em Letras Portugêses pela Universidade Federal de Sergipe, *campus* Universitário Professor Alberto Carvalho.

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina na área de concentração Sociolinguística. Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Líder do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – Gelins. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

Toda atividade verbal é contexto de polidez que pode ser expressa em menor ou maior grau. Isso porque toda interação verbal face a face é intrinsecamente ameaçadora, já que, nem sempre, os interlocutores compactuam dos mesmos interesses, ocasionando desequilíbrio entre as faces. Partimos da premissa de que a indeterminação do sujeito é uma estratégia de polidez, pois o uso dos recursos de indeterminação pode impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do locutor ou interlocutor durante a interação, visto que o falante, por meio da indeterminação do referente de primeira pessoa do plural, demonstra sua proximidade/distância do conteúdo proposicional (BROWN; LEVINSON, 1987). Com base nos estudos de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015), consideramos que os condicionamentos da variação **nós** e **a gente** como recurso de indeterminação podem estar atrelados aos valores de polidez. Outros estudos de cunho sociolinguístico consideram a polidez como uma variável (MEYERHOFF, 2006), o que, no entanto, requer o desenvolvimento de uma estratégia de coleta de dados que permita o controle de fatores pragmáticos e sua influência na variação linguística.

Neste artigo, apresentamos os resultados de um estudo sobre a variação na primeira pessoa do plural como estratégia de indeterminação do sujeito, a fim de verificar como os contextos pragmáticos (distância social, poder relativo e custo da imposição) condicionam a escolha das variantes **nós** e **a gente** em uma amostra sociolinguística constituída especificamente para permitir este tipo de análise.

1. Polidez e variação linguística

A polidez é uma estratégia linguística utilizada com o objetivo de evitar conflitos na interação verbal. Na literatura linguística há três modelos seminais para efeitos da polidez: os de Robin Lakoff (1973), Geoffrey Leech (1983), e Penelope Brown e Stephen Levinson (1987). O modelo proposto por Brown e Levinson (1987) – que veem a Sociolinguística como uma “pragmática aplicada”, cujos objetos de estudo são os diferentes meios de comunicação entre os diferentes grupos – é considerado por Meyerhoff (2006) como o mais compatível aos propósitos de controle e operacionalização da Sociolinguística, por propiciar o estudo da sistematicidade da variação linguística.³ Para Brown e Levinson (1987), a polidez é uma estratégia para preservarmos a nossa face e a face do outro, com o intuito de estabelecer uma

3 Não se trata de “o melhor modelo”; críticas e revisões ao modelo de Brown e Levinson (1987) não podem ser ignoradas (ver WATTS, 2003).

comunicação econômica e eficaz, sem atritos. O valor de polidez emerge em contextos específicos, com fatores fortemente correlacionados: do ponto de vista pragmático, a distância social, as relações de poder/poder relativo e o custo da imposição são fatores fortemente envolvidos na avaliação das estratégias linguísticas mais ou menos polidas (BROWN; LEVINSON, 1987); e do ponto de vista sociolinguístico, a relação entre sexo/gênero dos interlocutores mostra-se significativa (HOLMES, 1995; MILLS, 2003; FREITAG, SEVERO, 2015; FREITAG, 2015).

O modelo de polidez de Brown e Levinson (1987) pauta-se na noção de face, isto é, segundo os autores, todos os falantes têm uma autoimagem pública que desejam proteger dos possíveis danos durante a interação face a face. Na concepção dos autores, “em geral, as pessoas cooperam (e pressupõem a cooperação do outro) na manutenção da face na interação, essa cooperação se baseia na vulnerabilidade mútua da face”⁴ (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61). A face pode ser positiva ou negativa, sendo que a face positiva está atrelada à noção de autoimagem do indivíduo, o desejo do ser humano de ser estimado, aprovado, admirado, aceito; já a face negativa está relacionada à autopreservação, representa o desejo de uma pessoa em não sofrer imposição, de preservar seu espaço pessoal, de ter sua liberdade de ação.

Durante a interação, tanto a face do falante quanto a do ouvinte são ameaçadas por atos, os chamados atos ameaçadores à face – FTAs, pois nem sempre existe compatibilidade de interesses entre os interagentes. De acordo com Brown e Levinson (1987), o falante, durante a interação, leva em consideração três desejos: comunicar o conteúdo do FTA; ser eficiente ou urgente na comunicação e manter as faces envolvidas em qualquer grau; nesse sentido, a polidez linguística surge como um ato linguístico que busca impedir, atenuar ou reparar eventual ameaça à face do locutor ou interlocutor. As estratégias de polidez positiva visam evitar ou minimizar as ameaças à face positiva do interlocutor; para tanto, o falante demonstra que o desejo do ouvinte, pelo menos em alguns aspectos, é o mesmo que o seu, reivindicando semelhanças, manifestando cooperação e demonstrando simpatia. Quando o falante deseja suavizar ou anular os efeitos da imposição de um FTA, ele demonstra preocupação com os sentimentos do interlocutor, com seu desejo de não ter seu território invadido, utilizando estratégias de polidez negativa.

A expressão da polidez relaciona-se diretamente com as relações estabelecidas no momento da interação verbal, por exemplo, as dimensões de poder e solidariedade (BROWN;

4 “In general, people cooperate (and assume each other’s cooperation) in maintaining face in interaction, such cooperation being based on the mutual vulnerability of face”.

GILMAN, 2003) entre os interlocutores direcionam o maior ou menor grau de polidez utilizado em uma interação face a face. As dimensões de poder e solidariedade são fundamentais para a análise da vida social. Segundo os autores, “poder é uma relação entre, pelo menos, duas pessoas, e isso é não recíproco no sentido de que ambas não podem ter poder no mesmo campo de comportamento”⁵ (BROWN; GILMAN, 2003, p. 255). Em outras palavras, a dimensão *poder* diz respeito a relações assimétricas mais específicas, estabelecidas a partir da hierarquia social, em que há diferentes bases de poder: força física, riqueza, idade, sexo, papéis institucionalizados na igreja, no Estado, no exército ou no seio da família. No entanto, segundo Brown e Gilman (2003), nem toda diferença social entre as pessoas implica diferença de poder. As relações também podem ser estabelecidas simetricamente, em que há o compartilhamento de opiniões e comportamentos semelhantes, configurando-se a dimensão da *solidariedade*, em que há relações gerais formadas a partir de, por exemplo, filiação política, família, religião, profissão, sexo e local de nascimento.

No modelo de Brown e Levinson (1987), três fatores contextuais influenciam na escolha das estratégias de polidez: i) poder relativo – dimensão assimétrica da relação entre falante e ouvinte, refere-se ao poder que um exerce sobre o outro; ii) distância social – diz respeito à dimensão simétrica referente ao grau de familiaridade entre falante e ouvinte; e iii) grau do custo da imposição de um ato comunicativo – peso social atrelado ao ato comunicativo, sendo cultural e situacionalmente variável. A escolha da estratégia de polidez a ser utilizada pelo falante leva em consideração esses três fatores (Fig. 1).

$$W_x = D(S, H) + P(H, S) + R_x$$

Figura 1: Fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face requerida para realizar um determinado FTA. Fonte: Brown e Levinson (1987, p. 76).

A fórmula proposta pelos autores indica que a expressão da polidez linguística é calculada tendo em vista a relação social de diferença/semelhança entre falante e ouvinte, bem como o poder relativo e o custo da imposição do ato comunicativo. As considerações de Brown e Gilman (2003) a respeito das relações assimétricas (poder) e simétricas (solidariedade) nos remete aos fatores sexo e idade, amplamente analisados nos estudos

5 “Power is a relationship between at least two persons, and it is nonreciprocal in the sense that both cannot have power in the same area of behavior”.

sociolinguísticos como parte integrante da construção das relações de poder, o que os atrela, consequentemente, à expressão da polidez linguística.

As formas pronominais de primeira pessoa do plural funcionam como recurso de polidez, em que, a partir da abrangência referencial, o falante inclui-se em menor ou maior grau na referência genérica, demonstrando proximidade/distância do conteúdo proposicional. Em (1), a partir do senso comum de que todos têm consciência a respeito da violência, o documentador busca estabelecer um fio argumentativo para que o informante desenvolva o tópico. Em outras palavras, o objetivo do documentador parece ser não deixar margem para que o informante se exima de falar sobre o assunto, afirmando que o tema é de conhecimento geral. Nesse caso, a forma **a gente** funciona como estratégia de polidez, pois o risco à face do interlocutor, instaurado a partir da intenção comunicativa do documentador, é atenuado pela inclusão do falante na referência. Porém, tal inclusão apresenta-se de maneira vaga, em que a abrangência do referente genérico *humanidade* confere maior distanciamento do falante do fato verbal enunciado. Já em (2), a noção de polidez está ancorada na inclusão do falante no grupo genérico *cidadãos* como responsável por cobrar atitudes das autoridades. Nesse caso, ao incluir-se na referência, o falante atenua o risco a sua face positiva, tendo em vista que enunciados desse tipo, em que há a presença de obrigação/necessidade de ação, são comumente interpretados intuitivamente como excludente da 1ª pessoa.

(1) *o que você acha que por mais que não tenha acontecido com você **a gente** sabe que acontece muito né? o que você acha que deveria mudar em relação à segurança?* (D03F – E09M).⁶

(2) F1: *é veja é **nós** temos que é cobrar das autoridades por conta que eu eu digo assim uma coisa o governo tem dinheiro ele num investe porque ele num quer num venha pra cá dizer que não tem dinheiro entendeu porque tem então a outra tá muitas coisas que que num né?* (Jk-Fp D FM I 26).

A indeterminação do sujeito por meio das formas pronominais de primeira pessoa do plural funciona como estratégia de polidez à medida que inclui o falante em referentes genéricos. A inclusão do “eu” pode ocorrer em menor ou maior grau de acordo com a abrangência referencial. Questões contextuais atreladas à construção da argumentação ou relativas a conhecimento pragmático a respeito dos fatos enunciados, como em (1) e (2),

⁶ A sigla indica que o dado foi realizado por um documentador. O número identifica o pesquisador e a letra final indica o sexo/gênero (F – feminino; M – masculino). A segunda sigla indica em qual entrevista o dado foi realizado.

também contribuem para a interpretação da primeira pessoa do plural genérica como recurso de polidez.

O modelo de polidez de Brown e Levinson (1987), a partir da postulação da fórmula para avaliar a quantidade de trabalho de face necessária durante a interação verbal, possibilita a sistematização de variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez. Para o português brasileiro, esse modelo vem sendo testado a partir de um tipo específico de coleta de dados sociolinguísticos (ARAÚJO, SANTOS, FREITAG, 2014), e testado em dois domínios variáveis com matizes de polidez: o futuro do pretérito e a primeira pessoa do plural.

A forma de futuro do pretérito, no português brasileiro, está relacionada com a expressão da polidez, função que é, inclusive, descrita em compêndios gramaticais. Araujo (2014) investigou a ocorrência desta forma verbal, em uma amostra de fala constituída para captar os efeitos de polidez. Os resultados apontam que os homens, quando estão com domínio do tópico discursivo, tendem a utilizar mais a forma verbal de futuro do pretérito com referência temporal presente, o valor temporal mais relacionado à preservação das faces. E quanto menos impositivo o tópico discursivo, mais recorrente foi o uso do futuro do pretérito com referência temporal presente, em contextos que se caracterizavam como comentário/contextualização do tópico. O uso de procedimentos de coleta focalizando os efeitos pragmáticos e sociolinguísticos para captar os efeitos de polidez permitiu evidenciar que há diferenças em relação ao uso do futuro do pretérito como função de polidez quanto à distância social e ao sexo/gênero (ARAÚJO; FREITAG, 2015).

No paradigma pronominal do português falado no Brasil há duas formas de referência à primeira pessoa do plural: as formas *nós* e *a gente*. Tal alternância de referência à primeira pessoa do plural, já estudada do ponto de vista sociolinguístico, pode ser verificada também por meio dos estudos pragmáticos. Santos (2014) analisou a influência de contextos mais polidos e contextos menos polidos na frequência de uso das formas **nós** e **a gente**, evidenciando, assim, a importância dos fatores pragmáticos na análise sociolinguística, além de verificar os efeitos pragmáticos do tipo de coleta de dados.

Os estudos de ambos os fenômenos consideraram a distância social entre falante e ouvinte, o poder relativo e o grau de imposição de um ato comunicativo como variáveis, já que tais fatores direcionam o uso das estratégias de polidez durante a interação verbal (ARAÚJO, SANTOS, 2015). Continuando estudos que considerem a interface entre polidez e fenômenos variáveis, controlamos tais fatores nesta análise, tendo como hipótese geral o maior uso de **a gente** em contextos de maior polidez.

2. Procedimentos metodológicos

A constituição da amostra para análise do fenômeno considerou duas linhas de coleta: i) comunidade de fala (estratificação homogeneizada); ii) comunidade de prática (relações sociopessoais). A amostra de estratificação homogeneizada segue o padrão estabelecido nos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros com informantes estratificados quanto às características sociodemográficas amplas, como sexo, faixa etária e nível de escolaridade. Já a amostra de relações sociopessoais seleciona os informantes a partir da prática.

A formação de banco de dados mais amplos que contemplem a junção das perspectivas social e estilística da variação amplia o poder explanatório da análise de fenômenos variáveis. A entrevista sociolinguística, método mais difundido no Brasil, permite traçar características de um subgrupo social, permitindo generalizar resultados para uma determinada comunidade de fala. Já estudos que focalizam o papel do indivíduo dentro das comunidades de práticas permitem observar o nível estilístico da linguagem, possibilitando a análise de fatores pragmáticos presentes no contexto imediato do ato de fala, tais como hierarquia, dinâmica das relações, personas e imagem social.

A amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, vinculada ao banco de dados *Falares Sergipanos* (FREITAG, 2013), toma como ponto de partida o conceito de comunidade de prática adotado por Eckert & McConnel-Ginet (2010), em que um grupo de pessoas compartilham um empreendimento social comum. O Colégio Estadual Atheneu Sergipense configura-se como uma comunidade de prática, pois há pessoas engajadas na construção do conhecimento, especificamente do conhecimento necessário para conseguir uma vaga no ensino superior. O Atheneu Sergipense faz parte da história do ensino público em Sergipe. Foi criado em 1870 com a finalidade de preparar os jovens para o acesso aos cursos superiores, bem como para a realização de variadas funções na sociedade. Ao longo de sua história, o colégio adquiriu prestígio no cenário da educação pública estadual:

O Atheneu Sergipense tentou manter-se fiel aos seus principais objetivos: ministrar uma instrução secundária, de caráter literário e científico, necessária e suficiente de modo a proporcionar à mocidade subsídios para matricular-se nos cursos superiores, como também para desempenhar variadas funções na sociedade (ALVES, 2005, p. 82).

O prestígio do colégio ainda se mantém no cenário educacional sergipano, conforme podemos verificar em parte de uma entrevista de uma estudante:

(1) *aqui ele prepara tanto pro meu estudo quanto pra vida aqui hoje quando eu botar... aqui hoje eu tô no meu último ano... quando eu sair daqui eu vou tá pronta pra qualquer coisa que vier porque o Atheneu me fez fez isso comigo que nenhum colégio privado fez e além de me preparar pra estudar ele me dá o que eu preciso trabalhar e tudo eles me dão me dão o que eu preciso pra pra vida pro mundo é como se fosse uma... eu me senti em casa aqui [...] toda minha família estudou aqui e o sonho da minha mãe é me ver em uma faculdade pública é me ver na UFS então nenhum colégio aqui de de Aracaju prepara mais um aluno pra UFS do que o Atheneu então esse é o maior motivo de eu tá estudando aqui hoje (E20F).*

Na fala da estudante, podemos perceber que os propósitos iniciais do colégio ainda fazem parte de seus objetivos e fama atuais, como a aluna demonstra em relação à preparação para a vida, para o ingresso na universidade, bem como pelo interesse de seus pais em colocá-la no colégio. Dessa forma, a escola configura-se como um espaço de engajamento social, em que as pessoas estão unidas pelo propósito de terem/propiciarem o acesso à educação pública de qualidade, oferecendo a possibilidade de acesso ao ensino superior.

A amostra, pautada na necessidade de captar tendências amplas e, ao mesmo tempo, relações sociopessoais em uma perspectiva microetnográfica, é constituída por 20 entrevistas sociolinguísticas e 31 interações conduzidas, constituída a partir de dados de fala de 32 indivíduos com idade entre 15 e 18 anos, todos estudantes do Ensino Médio e residentes na região da Grande Aracaju (Aracaju, Nossa Senhora do Socorro, São Cristóvão e Barra dos Coqueiros). As entrevistas, coletadas de acordo com a metodologia clássica da Sociolinguística, foram estratificadas por sexo/gênero; e os informantes selecionados de maneira aleatória, de acordo com a disponibilidade e interesse em participar. Os informantes para participarem das interações foram selecionados, a partir da observação da comunidade, por meio do critério de identidade de grupos, pois, de acordo com Battisti (2014), a identidade do sujeito é negociada a partir das experiências em diferentes grupos sociais; além de, na perspectiva das práticas sociais, a identidade caracterizar-se por ser vivida, negociada, social, processo de aprendizagem, nexos e local-global.

A partir da observação da comunidade de prática, notamos que os pequenos grupos identitários organizam-se de acordo com a série escolar, primeiro, segundo e terceiro anos, sendo que a identidade do terceiro ano exerce liderança na constituição da identidade geral da comunidade de prática, demonstrada, inclusive, na cor diferenciada do fardamento escolar. Notamos, ainda, que o segundo ano se opõe ao prestígio do terceiro ano, demonstrando rivalidade, enquanto o primeiro ano, ainda se inserindo na dinâmica da escola, não tem uma

identidade firmada em relação ao terceiro ano, pois se encontra em adaptação às identidades grupais já constituídas na dinâmica da comunidade de prática. Seleccionamos dois microgrupos para realizarem as interações, um do segundo ano (2º D – grupo 1) e outro do terceiro (3º B – grupo 2), seguindo os procedimentos metodológicos de Araujo; Santos; Freitag (2014), os dois microgrupos foram formados com quatro pessoas cada, estratificados por sexo/gênero.

Na primeira etapa da documentação, foram realizadas interações entre informantes do mesmo grupo, ou seja, interações entre pessoas com grau de relação próximo, com 16 interações, oito em cada microgrupo, formando duas redes sociais fechadas, com interações pré-definidas (Fig. 2).

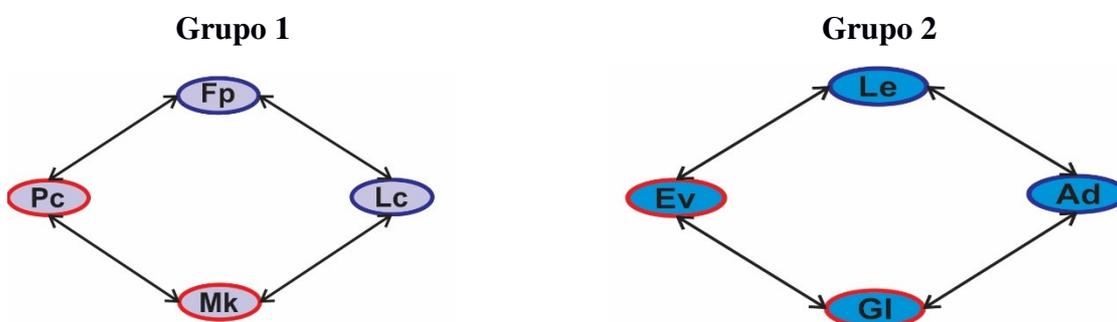


Figura 2: Redes sociais de interações com laços fortes.

As interações ocorrem entre dois informantes e são direcionadas por meio de cartões contendo diversas situações que conduzem a comunicação, daí o nome interações conduzidas. Nessa primeira etapa, as interações foram realizadas com informantes do mesmo grupo, ou seja, com laços fortes de amizade. A fim de controlar o poder relativo e as relações de gênero entre os informantes, cada pessoa interagiu com um homem e uma mulher do seu próprio círculo de amizade, duas vezes com cada, alterando o controle do tópico comunicativo. O custo da imposição é controlado por meio dos temas presentes nos cartões, em que as situações apresentadas vão da aparente neutralidade a temas que propiciam a preservação de face negativa, em um *continuum* do [- impositivo] ao [+ impositivo] (Fig. 3).

[- impositivo]

[+ impositivo]

Neutralidade >> Preservação de face positiva >> preservação de face negativa

Figura 3: *Continuum* do tipo de assunto quanto ao custo da imposição (adaptado de Araujo, 2014).

A segunda etapa das interações consistiria em interações entre informantes dos dois grupos, isto é, interações entre pessoas com grau de relação distante. Porém, a rivalidade de identidades entre os microgrupos fez com que o grupo do terceiro ano (3º B) desistisse de realizar a segunda etapa das gravações. Para dar continuidade à pesquisa, selecionamos outro microgrupo do terceiro ano (3º A – grupo 3) para realizar as interações com o grupo do segundo ano. Com o novo microgrupo formado, foram realizadas 12 interações entre informantes com grau de relação distante; foram gravadas também 3 interações entre os informantes do novo microgrupo constituído, totalizando 31 interações. As interações realizadas entre os informantes do grupo 1; as interações entre o grupo 1 e o grupo 3; e as interações entre os informantes do grupo 3 constituem uma rede de interações (Fig 4).

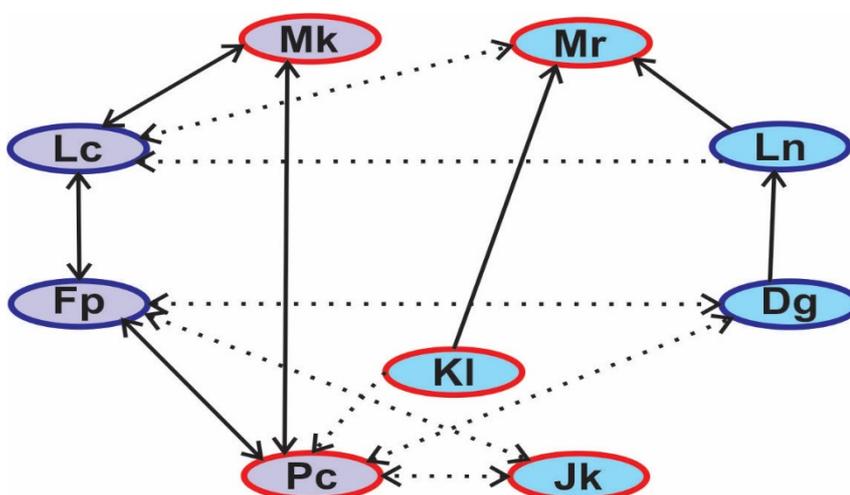


Figura 4: Rede de interações da amostra.

A rede de interações representada é composta por 23 interações. Das 31 interações gravadas na comunidade de prática, apenas as 8 interações realizadas com o grupo 2 – desistente – não constam nessa rede. As linhas contínuas indicam que os informantes têm laços fortes de amizade, ou seja, são do mesmo grupo; as linhas tracejadas indicam que a interação foi realizada entre informantes de grupos diferentes, com laços fracos de proximidade. A cor vermelha indica que são informantes do sexo/gênero feminino e a cor azul, informantes do sexo/gênero masculino. A informante KI realizou apenas duas interações, desistindo de participar da pesquisa; foi substituída pela informante Jk que também faz parte do microgrupo 3. Essa configuração de coleta tem por objetivo captar nuances de polidez, controlando distância social, relações de poder, relações simétricas e assimétricas de sexo/gênero, bem como o custo da imposição, controlado por meio dos temas

presentes nos cartões. Além disso, essa proposta metodológica de coleta evita o *efeito gatilho*⁷, presente nas entrevistas sociolinguísticas tradicionais. As 31 interações apresentam relações entre cada informante (laços fortes de amizade – linha contínua, laços fracos – linha tracejada) e com quem cada um interagiu (azul para masculino e vermelho para feminino) (Fig. 5).

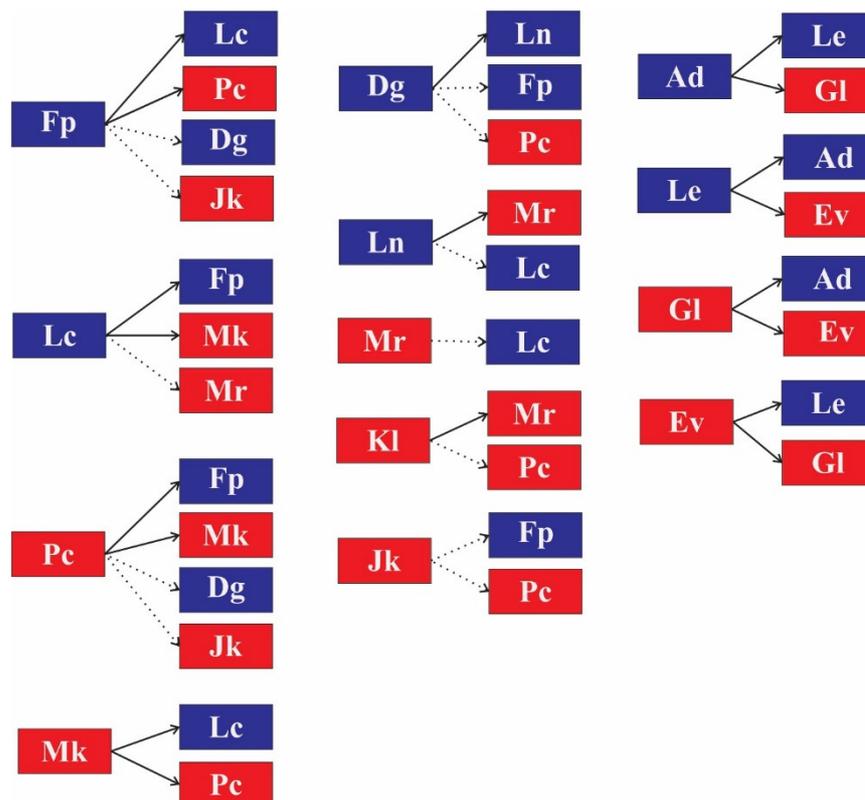


Figura 5: Representação das interações na amostra.

A constituição da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* possibilita a análise de variáveis sócio-pragmáticas, inclusive, a influência de identidades de grupo na constituição de amostras microetnográficas, possibilitando a análise da relação entre os falantes e implicações na dinâmica linguística. Além disso, possibilita a comparação com dados extraídos das 20 entrevistas sociolinguísticas coletadas, permitindo comparar tendências amplas da comunidade de prática estudada com as relações de poder existente entre os informantes.

7 O efeito gatilho ocorre por meio do paralelismo linguístico, em que a forma linguística utilizada pelo entrevistador pode influenciar a fala do informante, “engatilhando” a ocorrência de formas em cadeia (FREITAG, SANTOS, ARAUJO, 2011).

Constituída a amostra, e tendo em vista a complementariedade dos dois tipos de coleta de dados, propiciando análises de fenômenos semântico-pragmáticos de maneira mais ampla, as variáveis pragmáticas foram controladas apenas nas interações conduzidas. Com base na fórmula de Brown e Levinson (1987), controlamos a distância social, o poder relativo e o custo da imposição do ato comunicativo. A distância social diz respeito ao grau de familiaridade entre os informantes, controlado, nesta amostra, pelo pertencimento aos microgrupos de amizade como fator para avaliar o tipo de relação: interações entre pessoas do mesmo microgrupo = próximo; interações entre pessoas de microgrupos diferentes = distante.

O poder relativo é analisado a partir do domínio do tópico conversacional, considerando que a posse dos cartões contendo as situações para conduzir a interação confere poder relativo ao falante, pois ele terá o “poder” para escolher os caminhos que a interação poderá seguir: informante com domínio de tópico conversacional; e informante sem domínio de tópico conversacional.

Já o custo de imposição do ato comunicativo considera as denominações previamente dadas aos temas presentes nos cartões/situações, conforme apresentem situações neutras, que levam à preservação de face positiva ou à preservação de face negativa. Em (3), por exemplo, o tópico que introduziu o assunto apresenta uma situação neutra, representada no cartão nº 8 abaixo, haja vista que falar sobre o aumento das redes sociais não afeta diretamente as faces dos interlocutores, constitui-se, pois, como um tópico menos impositivo.

- (3) F2: *a gente tá conversando com a pessoa e a pessoa tá lá no whatsapp*
F1: *é no whatsapp entendeu*
F2: *nem liga pra gente*
F1: *a gente conversando com ela aqui entendeu a a maioria a maioria não mas uma grande parte da população agora quando a gente tá conversando a pessoa num a gente num tem mais aquela conversa de homem senta ali vamos conversar entendeu poucas pessoas ainda fazem isso (Ln-Mr P MF I19).*

O aumento das redes sociais *online* tem facilitado a comunicação. Pessoas de todas as idades têm aderido ao uso desses recursos.

Já um tópico mais ou menos impositivo refere-se a situações que favorecem a preservação de face positiva. O excerto (4) decorre da situação apresentada no cartão nº 16, reproduzido abaixo, em que o tópico leva o falante a preservar sua face positiva, pois a

violência contra a mulher, de maneira geral, é considerada como inaceitável na sociedade, levando o falante a assumir a posição mais aceita, a fim de preservar sua face:

(4) F1: *então Priscila ... eu quero saber a sua opinião o que você acha sobre ... vamos dizer ... homens que ... impedem a sua mulher sua esposa ingressar no mercado de trabalho pra trabalhar ... em vez disso ela ir para casa cuidar da casa ... e também o que você acha sobre a par- sobre em relação a esses homens que ... agredem fisicamente suas mulheres ... se existe uma fiscalização sobre elas ... sobre esses ratos ... que o que **nós** vimos só foram a ... a criação agora da lei da Maria da penha ... mas cê acha que tá pouco ... o que você acha sobre esse crime?* (Dg-Pc D MF I24).

Com dois meses de casados, Jonas obrigou sua esposa a pedir demissão do emprego, alegando que ela tinha que cuidar da casa. Alguns meses depois, começou a espancá-la, sendo denunciado à polícia por duas amigas de sua esposa.

Tópico impositivo refere-se a situações que levam à preservação de face negativa. O excerto em (5) foi produzido a partir do tópico discursivo apresentado no cartão nº 30, reproduzido abaixo. O assunto introduzido pelo cartão leva o falante a preservar sua face, demonstrando um desejo de não ter seu espaço invadido.

(5) F1: *Nos encontros dos jovens rolam os mais diversos assuntos e um dos mais comentados durante essas reuniões dos amigos são os assuntos relacionados à sexualidade quando você tá em um meio que rela- que o assunto é sexualidade você se retira ou você fica no meio e você costuma comentar com pessoas sobre isso sobre essas coisas esses assuntos?*

F2: *eu não ninguém eu não converso sobre isso eu acho que eu acho eu acho que esse assunto é um assunto que eu acho que esse assunto é um assunto que eu eu não converso sobre esse assunto porque eu acho que não interessa isso tá no meio olhe tem vezes que eu tô numa sala de aula e e eu escuto eu eu escuto coisas assim absurdas.*

[...]

F2: *eu acho que esse assunto é muito assim é uma coisa íntima de cada um é uma assunto que não deve ser conversado o que **a gente** tem que aprender é sobre a prevenção e isso **a gente** já aprende no colégio os professores ensinando* (Jk-Fp D FM I26).

Nos encontros dos jovens, rolam os mais diversos assuntos, e um dos mais comentados durante essas reuniões dos amigos são os assuntos relacionados à sexualidade.

Para o tratamento dos dados, foram coletadas todas as ocorrências das formas pronominais de primeira pessoa do plural com referência indeterminada; em seguida, os dados foram codificados de acordo com as variáveis pragmáticas e submetidos ao tratamento estatístico do programa GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

3. Variação primeira pessoa do plural como recurso de indeterminação e a polidez

No *corpus* sob análise, foram computados 549 contextos de indeterminação do sujeito por meio da 1ª pessoa do plural, sendo 387 dados de **a gente** (71%), 112 ocorrências de **nós** (20%) e 50 casos de formas verbais marcadas com o morfema –mos – **nós implícito** (9%). A forma **a gente** foi mais frequente no *corpus* analisado, utilizada em 71% dos contextos (Fig. 6).

Figura 6: Distribuição geral das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica

A fim de realizar rodada binária para identificar a relevância de cada variável independente para a variação na expressão da primeira pessoa do plural com referência genérica, amalgamamos as formas **nós** (explícito e implícito).

O controle da variável distância social tem como objetivo analisar sua influência no uso das formas de primeira pessoa do plural com referência genérica como estratégia de polidez. Nossa hipótese, em relação a essa variável, é de que a forma **a gente** seja favorecida por contextos em que os interlocutores mantêm grau distante de familiaridade, ou seja, em contextos mais polidos, confirmando tendência apresentada nos estudos de Santos (2014) e Mendonça e Nascimento (2015).

Após tratamento estatístico dos dados, os resultados apontam que o grau de familiaridade distante favorece o uso da variante **a gente**, com peso relativo de 0,58 (Tab. 1). Considerando que as relações distantes são contextos que demandam maior esforço de preservação de face, os resultados confirmam nossa hipótese de que o uso da forma **a gente** está associado a contextos mais polidos.

Grau de familiaridade	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
Próximo	213/321	66,4	0,43
Distante	174/228	76,3	0,58

Aplicação/total	387/549	70,5%	-
<i>Log likelihood: - 304.376 significance: 0.019 range: 15</i>			

Tabela 1: Influência do grau de familiaridade no uso de a gente.

Os resultados confirmam a hipótese levantada, sugerindo que a forma **a gente** tende a ser mais utilizada em contextos de maior polidez. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Santos (2014), em que há maior tendência de uso da forma **a gente** em relações distantes, com peso relativo de 0,60 (466/524); e no de Mendonça e Nascimento (2015), sobre as estratégias de indeterminação, em que a forma **a gente** apresentou frequência de uso de 24,7% (363/1472), enquanto a forma **nós** apresentou frequência de 1,7% (25/1472) nesse tipo de interação.

O controle da variável poder relativo ocorreu por meio do domínio do tópico discursivo, conforme procedimentos metodológicos apresentados na seção 3. Nossa hipótese era de que a forma **a gente** apresentasse maior frequência de uso nos contextos com maior grau de polidez, ou seja, nos casos em que o informante se encontra sem o domínio do tópico conversacional, tendo em vista a tendência de sermos mais polidos em contextos em que exercemos menor poder social.

Os resultados indicam que os informantes sem o domínio do tópico discursivo tendem a utilizar a forma **a gente**, com peso relativo de 0,56 (Tab. 2). Considerando que o informante na posição de não dominador sente a necessidade de ser mais polido com seu interlocutor (dominador do tópico), tendo em vista que o informante com domínio do tópico interacional pode conduzir a interação de maneira a afetar em maior ou menor grau as faces do interlocutor, os resultados sugerem que o informante sem o domínio do tópico busca atenuar os riscos a sua face, em maior frequência, por meio do uso da forma **a gente**, incluindo-se em grupos referenciais genéricos.

Domínio do tópico	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
Dominador	72/131	55	0,30
Não dominador	315/418	75,4	0,56
Aplicação/total	387/549	70,5%	-
<i>Log likelihood: - 304.376 significance: 0.019 range: 26</i>			

Tabela 2: Uso de a gente em função do domínio do tópico interacional.

Os resultados confirmam nossa hipótese, sugerindo que a forma **a gente** tende a apresentar maior probabilidade de uso em contextos de maior polidez, em que o falante

utiliza-se da forma de primeira pessoa do plural com referência genérica para preservar sua face.

O grau de imposição de um ato comunicativo varia entre situações aparentemente neutras (assuntos mais gerais); tópicos +/- impositivos (temas de cunho social) e tópicos impositivos (experiências pessoais). Nossa hipótese para o controle dessa variável é que os tópicos impositivos favoreçam o uso de **a gente**, tendo em vista que assuntos menos abrangentes afetam mais diretamente o espaço pessoal, levando o falante a preservar sua face em maior grau.

Os resultados dão indícios de que a variante **a gente** é favorecida por contextos em que há maior custo de imposição, ou seja, em contextos com temas impositivos, com peso relativo de 0,69 (tab. 3). Nossa hipótese é confirmada, haja vista que os resultados apontam maior uso da forma **a gente** em contextos mais polidos.

Grau de imposição	Aplicação/total	Porcentagem	Peso relativo
Menos impositivo	119/181	65,7	0,42
+/- impositivo	142/217	65,4	0,42
Impositivo	126/151	83,4	0,69
Aplicação/total	387/549	70,5%	-
<i>Log likelihood: - 304.376</i>			<i>significance: 0.019</i>
			<i>range: 27</i>

Tabela 3: Uso de a gente em função do custo de imposição do ato comunicativo.

Os resultados em função do custo de imposição de um ato comunicativo, assim como os relativos à distância social e ao domínio do tópico interacional, respectivamente, confirmam nossa hipótese geral de que a variante **a gente** apresenta maior probabilidade de uso em contextos de maior grau de polidez, isto é, em interações com grau distante de familiaridade entre os interlocutores, em situações em que o falante encontra-se sem o domínio do tópico interacional (menor poder) e em contextos de maior grau de imposição do ato comunicativo.

Conclusão

A partir da análise da amostra *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, constatamos que a variante **a gente** apresenta maior tendência de uso como recurso de indeterminação do sujeito. Todas as variáveis pragmáticas atreladas à expressão da polidez controladas nesta amostra se mostraram significativas para o fenômeno, de maneira

semelhante aos resultados de Santos (2014), que também controlou variáveis pragmáticas em interações conduzidas. Os resultados sugerem que a variante **a gente** apresenta maior frequência de uso em interações com grau distante de familiaridade entre os interlocutores, em situações em que o falante se encontra sem o domínio do tópico interacional e em contextos com maior grau de imposição do ato comunicativo, confirmando nossa hipótese geral a respeito da maior probabilidade de uso de **a gente** em contextos mais polidos.

A análise de fenômenos variáveis em uma perspectiva microetnográfica, considerando as relações socio pessoais, possibilita uma ampliação na constituição de banco de dados sociolinguísticos, uma vez que a inclusão do controle de variáveis pragmáticas como distância social dos interagentes, relações de poder e grau do custo da imposição, permite uma ampliação na compreensão dos fenômenos linguísticos em variação. No entanto, a constituição de banco de dados dessa natureza, como realizado na constituição das amostras *Rede Social de Informantes Universitários* e *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense* requer mais tempo, maior investimento em recurso humano capacitado, bem como maior inserção dos pesquisadores na comunidade analisada.

Por analisar fatores pragmáticos, considerando os papéis sociais dos informantes dentro da comunidade de prática, nossa pesquisa mostra-se significativa para o estudo das formas de 1ª pessoa do plural com referência genérica, haja vista que a inclusão do falante em referentes genéricos funciona como estratégia de polidez, em que o falante se aproxima ou se distancia do conteúdo proposicional, conforme negociações necessárias para o equilíbrio da comunicação, preservando as faces dos interlocutores.

Referências

ALVES, E. M. S. *O Atheneu Sergipense: traços de uma história*. Aracaju: ADGRAF Gráfica e Editora, 2005.

ARAUJO, A. S. “*Você me faria um favor?*” *O futuro do pretérito e a expressão de polidez*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

ARAUJO, A. S.; FREITAG, R. M. K. A forma de futuro do pretérito no português do Brasil e a função de polidez. *Forma y Función*, v. 28, n. 1, p. 79-97, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/fyf.v28n1.51973>.

ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C. Marcas linguísticas de polidez e sexo/gênero. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). *Mulheres, Linguagem e poder: estudos de*

gênero na Sociolinguística brasileira. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 209-224. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/9788580391213-0009>.

ARAUJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. K. Redes sociais, variação linguística e polidez. In: FREITAG, R. M. K. (Org). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p. 99-116. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-8cap>.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014, p. 79-98. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>.

BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). *Sociolinguistics. The essencial readings*. United Kingdom: Blackwell, 2003, p. 156-176.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: OSTERMANN, A. C; FONTANA, B. F. *Linguagem. Gênero. Sexualidade*. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.

FREITAG, R. M. K. (Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). *Mulheres, Linguagem e poder: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 17-74. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/9788580391213-0001>.

FREITAG, R. M. K. Banco de dados Falares Sergipanos. *Working Papers em Linguística*, 13(2): 156-164, Florianópolis, abr./jul, 2013. Disponível em <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8420.2013v14n2p156>.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, A. M; ARAUJO, A. S. O “efeito gatilho” e a continuidade tópica: atuação do domínio tempo, aspecto e modalidade. *Signótica*, v. 23, n. 2, p. 247-265, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/sig.v23i2.15221>.

FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). *Mulheres, Linguagem e poder: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/9788580391213>.

HOLMES J. *Women, men and language*. London: Longman, 1995.

LAKOFF, R. *The logic of politeness; or minding your p's and q's*. Paper from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1973, p. 292-300.

LEECH, G. *Principles of pragmatics*. London: Longman, 1983.

MENDONÇA, J. J.; NASCIMENTO, J. S. Estratégias de indeterminação: polidez e relações de gênero. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (Org.). *Mulheres, Linguagem e poder: estudos de gênero na Sociolinguística brasileira*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015, p. 225-238. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/9788580391213-0010>.

MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. Oxford: Routledge, 2006.

MILLS, S. *Gender and politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldVarb X: Variable Rule Application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005.

SANTOS, K. C. *Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe*. Sergipe, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

WATTS R. J. *Politeness: key topics in sociolinguistics*. Oxford: Cambridge, 2003.

Generic first person plural pronouns in Brazilian Portuguese and the politeness

Abstract: Subject indetermination is a strategy of politeness, because it allows the speaker or the listener to prevent, attenuate or repair any face threats in the verbal interaction, once the speaker can manifest yours proximity or distance with the propositional content of sentence (BROWN, LEVINSON, 1987). In this paper is presented an analysis of the variation in first person plural as a subject indetermination strategy in Brazilian Portuguese in order to verify if pragmatic contexts (social distance, relative power and absolute ranking) constrain the choice between the variants **nós** and **a gente**. The sample is *Dados de fala de estudantes do Atheneu Sergipense*, jointed at Falares Sergipanos Database (FREITAG, 2013). After the collecting, the data were correlated to the independent pragmatic variables and submitted to statistical analysis from GoldVarbX (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). As results, **a gente** form were the most frequent in the sample, with 71% of contexts. For the pragmatic variables, the results point to the increased use of the variant **a gente** in contexts where the participants were more distant in term of degree of proximity, and when the speaker had the topic control and more impositive degree. These features suggest that **a gente** variant is used in more polite contexts, expressing a politeness gradient in pronominal paradigm of Brazilian Portuguese.

Keywords: Linguistic variation; politeness; first person plural, subject indetermination.

Recebido em: 15 de abril de 2016.

Aprovado em: 06 de julho de 2016.